



A MORTE DE ANANIAS E SAFIRA: UMA AMEAÇA AOS INIMIGOS DO IGUALITARISMO CRISTÃO EM ATOS DOS APÓSTOLOS 5.1-11

THE DEATH OF ANANIAS AND SAPHIRA: A THREAT TO THE ENEMIES OF CHRISTIAN EGALITARIANISM IN ACTS OF THE APOSTLES 5.1-11

*Anderson de Oliveira Lima**

Resumo

Neste artigo, nossa tarefa será estudar um debatido texto do *Novo Testamento* (*Atos dos Apóstolos* 5.1-11) em que um casal (Ananias e Safira) quer ingressar na comunidade cristã primitiva de Jerusalém, mas é assassinado por uma violenta intervenção de Deus. Trata-se de uma atual análise exegética, que vai explicar esta cena controversa, e uma útil consideração pragmática a partir do sentido do texto.

PALAVRAS-CHAVE: *Atos dos Apóstolos*. Exegese. Análise narrativa. Cristianismo primitivo. Novo Testamento.

Abstract

In this article, our task will be study a debated text of the New Testament (Acts of Apostles 5.1-11) when a couple (Ananias and Saphira) want to join in the Jerusalem's Christian primitive community, but they are murdered by a violent God's intervention. The subject is an actual exegetical analysis that going to explain this controversial scene, and a useful pragmatic consideration about the text's meaning.

KEYWORDS: *Acts of Apostles*. Exegesis. Narrative Analysis. Primitive Christianity. New Testament.

* Doutorando e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Especialista em Bíblia (*lato-sensu*). Bacharel em Música (violão erudito). <http://lattes.cnpq.br/0893915454622475>. Esta pesquisa foi concretizada com o apoio financeiro do CNPq.

Introdução

Este artigo apresenta uma análise exegética de *Atos dos Apóstolos* 5.1-11 que tem por finalidade examinar o texto buscando encontrar nele indicadores da identidade da igreja cristã primitiva. Para sermos mais diretos, não é Jesus e seu movimento ou a igreja de Jerusalém liderada pelos apóstolos após a morte de Jesus que são nossos objetos de estudo, mas o texto de Lucas como obra literária que dá indícios de uma comunidade cristã primitiva que atuava nas últimas décadas do século I.¹ Essa leitura está de acordo com a compreensão que hoje se tem do livro de *Atos* como *historiografia apologética*.² O nosso trabalho trata, portanto, de uma investigação do texto que reconhece *Atos dos Apóstolos* como uma criação historiográfica que une tradições mais antigas a interesses autorais, ora preocupando-se com fatos e detalhes precisos, ora dando aos fatos uma interpretação teológica muito particular (MARGUERAT, 2003, p. 21). Procuramos pelas particularidades desta obra final, e por meio delas, por reconstruções de um grupo cristão primitivo bem específico.

¹ Monica Selvatici fala brevemente sobre a unidade entre Lucas e *Atos* em seu artigo *Judeus Helenistas Cristãos e Judeus Helenistas Não Cristãos*, p. 262, dizendo:

... o autor teve a intenção de redigir um trabalho composto de dois volumes. De fato, as semelhanças entre *Atos* e o evangelho segundo Lucas são fortes. A relação entre ambos os textos é indicada por seus prólogos e por seu parentesco literário, isto é, a linguagem é bastante similar [...] Além disso, questões teológicas que são iniciadas por Lucas no evangelho só ganham sentido quando analisadas em conjunto com a narrativa de *Atos* – fato que revela o elo entre o conteúdo das duas obras.

² Seguindo a definição de Klaus Berger em *As Formas Literárias do Novo Testamento*, p. 324, deixa ainda mais claro a que tipo de historiografia nos referimos quando falamos de *Atos*, o texto de Helmut Koester em *Introdução ao Novo Testamento* (v. 2), p. 331, 339-340, que diz:

Como a epopeia de Virgílio se tornou a história da formação do povo romano, Lucas está escrevendo a história da criação da nova comunidade cristã [...] Não há dúvida de que Lucas usou fontes e tradições para escrever o livro. Mas essas fontes eram frequentemente histórias de eventos milagrosos, de curas, visões e sonhos – em resumo, o tipo de história que seria transmitido numa comunidade religiosa para edificação e instrução espiritual.

Daniel Marguerat, no primeiro capítulo de *A primeira história do Cristianismo*, também trata de maneira magistral da historiografia lucana, p. 13-35. Seu trabalho não poderia deixar de ser citado aqui, já que enfrenta a discussão sobre a historiografia de forma atual, e constitui-se numa leitura proveitosa para o estudioso de *Atos*.

O famoso texto em questão narra a morte de Ananias e Safira, que, diante dos apóstolos (Pedro em especial), são repentinamente punidos por suas más intenções. Por que eles morrem dessa maneira? Que propósito o relato possui para o autor e seus destinatários? Compreender o texto e descobrir como é que ele serve aos interesses da comunidade lucana são os alvos a serem atingidos até o final destas páginas.

1 Delimitação, contexto literário e fios narrativos

Começaremos nossa análise lendo os dois primeiros versículos de *Atos 5*. Há, porém, algumas tarefas a realizar antes dessa leitura. Os dois versículos referidos introduzem uma cena marcante no livro, passagem problemática teologicamente que pode ser facilmente delimitada em *Atos 5.1-11*.³ Mas assim que lemos a abertura desta perícope (*Mas certo homem chamado Ananias, com Safira sua mulher...*), notamos que sua compreensão não será acessível a menos que nos voltemos para o que havia antes do texto. Nota-se logo no início (através da conjunção “mas”) que ele possui uma relação estreita para com o texto precedente; é como se ele aprofundasse um tema discutido anteriormente, como se tratasse no detalhe de uma situação possível dentro do quadro geral já exposto. Daniel Marguerat e Yvan Bourquin, ao escreverem sobre a importância de se levar em conta o “fio narrativo” que liga as unidades textuais menores durante a leitura dos textos bíblicos, disseram:

Não se trata somente de inventariar o que cerca a narrativa no início e no fim. O importante é observar os indicadores de continuidade (e ater-se a eles), que remetem a um cenário narrativo do qual a narrativa constitui uma etapa particular. Com efeito, no percurso da leitura, o leitor jamais entra virgem em uma narrativa particular; carrega consigo tudo o que o narrador o fez ouvir e compreender anteriormente. (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 47).

Vamos então ter de tratar do contexto literário de nossa perícope para compreender quais são as informações precedentes fornecidas pelo texto que condicionam a sua leitura, e isso faremos em dois níveis:

³ A seguir veremos que na verdade o v. 11 é uma introdução que pretende encerrar não somente a cena de Ananias e Safira, mas um conjunto textual maior. Para saber mais sobre a delimitação da perícope como passo exegético leia, WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento*. p. 84-88.

primeiro abordaremos o contexto mais próximo, e depois outro maior, que trata de toda uma seção do livro de *Atos*.

Falando então do contexto menor, em *Atos* 4.32-35, temos um reconhecido sumário, semelhante a outros já apresentados no livro, que procura acentuar a plena harmonia da igreja primitiva de Jerusalém,⁴ cujos irmãos tinham uma só alma, um só coração, e por que não dizer, um só tesouro. No v. 32 de *Atos* 4, vemos como a multidão dos que criam na pregação dos apóstolos de Jesus integravam-se ao movimento. Essa comunidade primitiva, conforme ali descrita, vivia em comunhão plena de bens, isto é, todos os que aderiam ao grupo doavam suas posses para que houvesse entre eles uma administração igualitária. No v. 34 o texto de *Atos* reafirma a validade desta política ao dizer que ninguém tinha necessidade de nada. Todos os que tinham alguma posse vendiam-na e depositavam o valor adquirido “junto aos pés dos apóstolos”, confiando à primeira liderança cristã a administração justa de suas riquezas para o bem comunitário.

Após este sumário, temos um primeiro evento, em que um tal José, chamado Barnabé, ao longo do livro, ao aderir à comunidade, vende sua propriedade, e trazendo o valor adquirido, “coloca junto aos pés dos apóstolos” (*Atos* 4.36-37). A cena de Ananias e Safira, colocada logo após o bom exemplo de Barnabé, procura servir como exemplo negativo de adesão ao movimento. Klaus Berger, que se preocupa com a classificação dos gêneros literários dos textos do Novo Testamento, segue na mesma direção e entende a narrativa de Ananias e Safira como um *exemplo* tirado da história dos discípulos para servir à igreja primitiva e, comentando a relação entre essas unidades textuais mencionadas, escreveu: “*Em At 4,36s (José e Barnabé) e 5,1-11 (Ananias e Safira) um exemplo elogioso e outro assustador se sucedem. São duas cenas que esclarecem At 4,32-35.*” (BERGER, 1998, 291).

Acrescentaríamos ainda que 5.11, mais do que um encerramento da cena de Ananias e Safira, funciona como uma conclusão para toda

⁴ BROWN, R. E. *Introducción al Nuevo Testamento* (v. 1), p. 392. Apenas de passagem, devemos observar que a relação entre o sumário de 4.32-35 com o exemplo positivo de 4.36s e o negativo de 5.1-11 também foi notada por Daniel Marguerat em *A primeira história do Cristianismo*, p. 180-184. Porém, ele também nota que assim como a narrativa de Ananias e Safira se relaciona a este sumário de 4.32-35 pela preocupação econômica, outro sumário a segue em 5.12-16, aproveitando dessa narrativa seu elemento milagroso. Isso faz Marguerat ampliar o contexto em que a narrativa pode ser lida, tarefa mais longa à qual nos dedicaremos no próximo item, seguindo intuições próprias.

a sequência narrativa que começa no sumário de 4.32. O “medo” que sobrevém às testemunhas desses eventos é o resultado não somente da morte de Ananias e Safira, mas de todo o ensinamento sobre como se deve ingressar na comunidade cristã primitiva, transmitida através desse pequeno bloco literário de 4.32-5.11.

Uma constatação que poderá ainda nos render bons frutos é a de que a sequência narrativa apresentada acima é um modelo que pode ser aplicado não somente aqui, mas para a formatação de toda a seção maior que começa em 1.12 e acaba em 5.41. Essa será a análise do contexto mais amplo ao qual nos referimos.

2 Uma proposta de estrutura narrativa para *Atos* 1.12-5.41

Já apresentamos nossas opiniões sobre o contexto menor de *Atos* 4.32-5.11, e agora tentaremos demonstrar como a mesma estruturação é utilizada em todas as unidades textuais que compõem este bloco literário maior, cujo tema é a igreja cristã primitiva de Jerusalém. Apresentaremos abaixo um esboço dessa nossa proposta, que trata obviamente, de uma primeira tentativa, mas que vale ser registrada aqui para que seja futuramente testada e aperfeiçoada.

Diríamos que todo o bloco de 1.12-5.41 foi composto por Lucas, seguindo uma sequência coerente, que apresenta cada nova cena envolvida por unidades menores. Todas (ou quase todas) são introduzidas por sumários que resumem o estado presente da igreja e que servem de introdução para o evento a ser narrado. O evento é então interpretado, e tal interpretação é apresentada por meio da fala de Pedro, o porta-voz da igreja primitiva de Jerusalém. Por fim, o conjunto é encerrado por uma conclusão que também apresenta as consequências daquele evento narrado.

Consideramos essa proposta não uma novidade completa, mas um aperfeiçoamento da tentativa anterior feita por Daniel Marguerat em *A primeira história do Cristianismo* (2003, p. 180-183). Embora alguns pontos ainda sejam discutíveis, de maneira geral, essa estrutura parece nos auxiliar na organização dos textos, como veremos:

1. A escolha de Matias (1.12-26)

- Sumário (v. 12-14)
- Discurso de Pedro (v. 15-22)
- Evento e conclusão (v. 23-26)⁵

⁵ Aqui o evento e o discurso não seguem a ordem que seguirão na maioria dos conjuntos textuais, pois o evento aparece depois da fala de Pedro, como uma consequência deste.

2. Pentecostes (2.1-41)

- Sumário (v. 1)
- Evento (v. 2-13)
- Interpretação – Discurso de Pedro (v. 14-39)
- Conclusão (v. 40-41)

3. A cura de um coxo (2.42-4.3)

- Sumário (2.42-47)
- Evento (3.1-10)
- Interpretação – Discurso de Pedro (v. 11-26)
- Conclusão (4.1-3)

4. Perseguição (4.4-31)

- Sumário (4.4)
- Evento (v. 5-7)
- Interpretação – Discurso de Pedro (v. 8-12)
- Conclusão (v. 13-22 e 23-31)

5. Adesão com partilha de bens (4.32-5.11)

- Sumário (4.32-35)
- Evento – Exemplo positivo (v. 36-37)
- Evento – Exemplo negativo – Interpretação (5.1-10)⁶
- Conclusão (v. 11)

6. Perseguição (5.12-40)

- Sumário (v. 12-16)
- Evento (v. 17-40)
- Interpretação – Discurso de Pedro (v. 27-32)⁷
- Conclusão (v. 41)⁸

Isso, porém, não se constitui numa quebra do esquema proposto, pois os elementos necessários ainda estão presentes.

⁶ Nesta seção o evento é dividido em dois exemplos, como já vimos. Não há um discurso petrino que o segue, mas a opinião da igreja sobre o evento está também integrado na fala de Pedro em 5.3-4,8-9.

⁷ O discurso de Pedro aqui não aparece ao final do evento interpretando os acontecimentos; o discurso faz parte do próprio evento, e a conclusão só acontece no v. 41.

⁸ Não incluímos aqui o breve sumário do v. 42 que funciona como uma dobradiça que liga todo o bloco sobre a Igreja de Jerusalém com o próximo, sobre o trabalho dos cristãos helenistas. Mais que uma conclusão da cena anterior, este sumário funciona como introdução à próxima perícopa de 6.1-7.

A estrutura esboçada apresenta a trajetória da igreja de Jerusalém, que, segundo o relato lucano, foi o centro da atuação do Espírito Santo, da morte e ressurreição de Jesus até o início da atuação dos helenistas, personagens que dominarão a narrativa a partir do capítulo 6 (5.42). Temos então a formação da igreja no primeiro momento, a unção pelo Espírito no segundo, o começo da atuação carismática dos apóstolos no terceiro e a superação de desafios internos e externos nos seguintes. Facilitar a análise desse desenrolar da história no livro de *Atos* é a principal contribuição que uma proposta de estrutura como a nossa pode dar.

3 O igualitarismo no Cristianismo Primitivo

Bruce J. Malina escreveu a respeito da sociedade palestinese dos dias do nascimento do cristianismo e mostrou que naquele tipo de sociedade coletivista os membros de um mesmo grupo social partilhavam não apenas todas as suas posses, mas também seu destino, sua religião, seus ideais etc. (MALINA, 2004, p. 127-131). Em alguns casos, as pessoas substituíam seus clãs familiares originais por outros fictícios, unidos, por exemplo, por vínculos religiosos, filosóficos ou ideais de vida comum (MARGUERAT, 2003, p. 186-187). Isso é, por exemplo, o que acontecia no Movimento de Jesus, em que os membros eram convidados a abandonar suas casas, a compartilhar seus bens com os pobres do grupo, e a aceitar o desafio do itinerantismo (LIMA, 2010).

No evangelho de Lucas, este mesmo autor já demonstrara que esse igualitarismo viera desde Jesus, e por isso ele descreve tal prática funcionando perfeitamente após a morte de Jesus por meio dos seus primeiros discípulos. Resgatar esse utópico desprendimento em relação às riquezas humanas e criar um movimento igualitário em sua própria comunidade, resistindo às relações clientelistas do mundo greco-romano no interior da comunidade e combatendo as injustiças do imperialismo, é um dos principais alvos desse autor, que vê Jesus e os apóstolos como antigos exemplos ideais, dos quais a igreja se desviara.⁹

Um bom exemplo para não passarmos em branco por nossa menção ao Jesus igualitário é *Lc* 18.29-30, que apresenta um dito de Jesus que geralmente é mal compreendido: “*Em verdade vos digo que não há*

⁹ Para aprofundar a compreensão sobre o projeto econômico do evangelho de Lucas, indicamos a leitura de MOXNES, H. *A Economia do Reino*.

ninguém que deixou casa, ou mulher, ou irmãos, ou pais, ou filhos pelo Reino de Deus que não receba muito mais neste tempo e na era que vem a vida eterna". O dito é uma promessa de segurança socioeconômica e vida eterna aos que seguem os conselhos de Jesus. Quem deixasse os bens e integrasse o movimento do Reino, isto é, abdicasse de toda sua confiança nos laços sociais convencionais e nos tesouros terrenos para integrar o movimento do Reino, que era formado por camponeses expropriados que se tornavam profetas itinerantes, teria também direito a todas as posses desse movimento, podendo, como os itinerante, viver sob a proteção do grupo. Assim, quem doasse sua casa, jamais ficaria sem ter onde se hospedar, pois no movimento de Jesus sempre seria recebido. Quem deixasse a família para se tornar parte do grupo passaria a fazer parte do movimento de pregadores sem pátria, perdendo seu lugar no clã e sua herança; na verdade, ganharia uma família muito maior, formada por inumeráveis "irmãos" prontos a acolhê-lo.

Fica claro então que há uma tradição itinerante preservada pelo cristianismo que chega até o autor de *Lucas/Atos* como uma utopia, como uma idealização dos primórdios. A administração de bens comunitários, embora possa ser identificada como uma alternativa real experimentada nos dias em que o cristianismo nascera, já não devia estar presente (pelo menos não nos mesmos moldes) nas comunidades cristãs com as quais Lucas se relacionava, principalmente na região gentílica e talvez cidadina onde a obra de Lucas foi escrita.¹⁰ Não sabemos nem mesmo se aquele desprendimento socioeconômico originário de camponeses sem terra preservou-se quando os apóstolos estabeleceram a comunidade judaico-cristã de Jerusalém. É provável que tentassem praticar o mesmo modo de vida comunitário ali, mas em que medida e com que sucesso? Um fato é que logo veríamos os judeu-cristãos de Jerusalém necessitados da ajuda caritativa de comunidades gentílicas como as fundadas por Paulo (STEGEMANN; STEGEMANN, 2004, p. 251-252), e que o autor de *Lucas/Atos*, cristão de geração posterior, usa uma imagem irreal dos primórdios para servir como alvo ideal para sua própria comunidade.

¹⁰ Antioquia, Éfeso, Macedônia e Roma são as possibilidades apontadas por Helmut Koester para localizar a autoria da obra de Lucas. Cf. *Introdução ao Novo Testamento* (v. 2). p. 331.

4 A adesão de Ananias e Safira (vv. 1-2)

(1)Mas certo homem chamado Ananias, com Safira sua mulher, vendeu a propriedade (2)e separou para si do preço, sabendo também sua mulher; trazendo uma parte colocaram junto aos pés dos apóstolos.

Agora o texto pode ser abordado diretamente, e nos dois primeiros versículos, encontramos um casal passando por um processo de transição. Ananias e sua mulher estão aderindo ao movimento cristão, e já conhecem a política igualitária adotada pelo grupo. A informação precedente dada ao leitor não é apenas um conhecimento prévio dele e de Lucas, mas também dos personagens. Quem tinha mais posses ajudava quem tinha menos, pois entre esta família não poderia haver necessitados. Diante da proposta, o casal parece querer entrar no grupo sem reservas; vendem a propriedade que possuíam para serem participantes plenos na política igualitária do movimento. Teoricamente, eles deixariam de ter algo somente para si e passariam a ter tudo em comum com os irmãos, mas o narrador nos conta que Ananias, ao receber o valor que conseguira ao vender sua terra, guardou secretamente parte do valor e foi entregar a outra parte à comunidade.

Ananias foi aos líderes da comunidade e agiu como se estivesse entregando tudo o que tinha para o grupo, externamente fazendo o mesmo que fizera Barnabé, que foi apresentado anteriormente como um bom exemplo cristão. A combinação feita pelo autor dessas passagens é proposital, visa destacar aos olhos do leitor que Ananias imita os adeptos sinceros, fazendo exatamente o que eles também faziam. Porém, nós, privilegiados pela visão do narrador, já sabemos que no caso de Ananias as coisas não eram assim tão transparentes. Mesmo assim, é interessante observar como o texto intencionalmente demonstra, pela similaridade das palavras, que Ananias imitava as ações de Barnabé.

5 O pecado de Ananias (vv. 3-4)

O autor muda a partir do versículo 3 a sua estratégia literária. Introduce Pedro, que exerce aqui o papel de maior líder e porta-voz da comunidade judaico-cristã de Jerusalém desde o capítulo 1º. É na voz de Pedro que ouviremos a acusação de Ananias:

(3) E disse Pedro: 'Ananias, por que encheu Satanás o teu coração para que mentisses ao Espírito Santo e separasses do preço do campo? (4) Ficando não ficava para ti, e sendo vendida estava em seu poder? Por que colocaste em teu coração tal coisa? Não mentiste a homens, mas a Deus.'

Pedro é apresentado aqui como alguém em perfeita ligação com Deus; ele conhece coisas que só Deus conhece, e por isso lhe é revelada de maneira incompreensível a mentira de Ananias. É muito relevante nesta passagem em primeira pessoa o que lemos nas perguntas feitas a Ananias no verso 4. Elas nos revelam que, ao aderirem ao movimento, os simpatizantes não eram obrigados a participar integralmente com seus bens. Provavelmente eles exortavam todos a ajudarem os mais carentes com toda dedicação, mas as doações ainda eram voluntárias. Alguns deviam ajudar os pobres enquanto mantinham suas posses, seus empregos, seus vínculos com a sociedade (chamamos a esses de “simpatizantes sedentários” do protocristianismo, que patrocinavam o ministério dos itinerantes), mas o modo de vida ideal era o plenamente comunitário, adotado por alguns que não tinham nada e por outros que abriam mão de tudo.

Daí começamos a entender quão negativa era a ação de Ananias. Ele poderia ficar com seus bens, ajudar com o que quisesse no movimento, mas optou por dizer que doava tudo. Desta maneira, Ananias tornava-se mais um daqueles cristãos completamente dependentes, tendo direito a tudo aquilo que pertencesse ao movimento. Ele não só estava mentindo para Deus como diz o texto, ele estava tentando aproveitar-se financeiramente do grupo, atitude não somente condenável, mas até mesmo demonizada.

Ananias queria manter uma garantia, por isso guardou parte do valor de sua propriedade; mas ele também queria ser bem recebido no grupo e depois patrocinado como alguém sem qualquer garantia. É como se ele tivesse investido 50% e quisesse ter direito a 100%. Nas palavras de John Dominic Crossan:

Tiravam da comunidade, como se já não tivessem recursos próprios [...] alegar uma dádiva absoluta era também alegar um direito absoluto... (CROSSAN, 2004, p. 506-508).

6 A sentença de Ananias (vv. 5-6)

(5) E Ananias, ouvindo estas palavras, caindo expirou, e houve grande medo sobre todos os que ouvem. (6) E levantando os jovens, o cobriram e levando sepultaram.

No versículo 5 Pedro desaparece momentaneamente e o narrador volta a controlar a história para descrever a sentença de Ananias. Ele morre e é sepultado por alguns jovens.¹¹ O ocultamento de Pedro no momento mais crítico, o do assassinato, só pode ser proposital; assim o autor preserva Pedro e os demais cristãos dizendo que Ananias merecia morrer por sua má intenção, mas que não foi Pedro e nem nenhum outro cristão quem o matou. Obviamente a morte de Ananias deve ser atribuída a Deus, pois no texto, foi a ele que Ananias ofendeu com sua tentativa de fraude. Porém, sua morte não é apresentada como um ato de crueldade, mas de justiça. Para nós, leitores de hoje, a sentença de Ananias é muito severa, mas não cabe a nós, movidos por nossos próprios princípios éticos, tentar reviver o julgamento de Ananias. Nosso papel deve se limitar a compreender o raciocínio do autor, que desde o princípio apresenta Ananias como culpado, e responder à questão de quais são os seus motivos para acreditar que Ananias merecia condenação tão violenta.

Na opinião do texto, quem tentasse roubar do movimento igualitário prejudicando ainda mais os necessitados era culpado de um pecado gravíssimo, mas cuidadosamente ele poupa a memória dos apóstolos e evita dar qualquer permissão para o assassinato. Noutras palavras: se Deus matar alguém, matou, mas nós não podemos tirar a vida alheia.

Entretanto, a cena violenta que chocou leitores de tantas gerações não trata apenas de um assassinato; para o texto, foi Ananias quem escolheu a morte através de sua opção pela falsa segurança do mundo. Isso é muito bem esclarecido pelo que escreveu o comentarista Pablo Richard:

¹¹ Segundo Pablo Richard, estes “jovens” podem simbolizar a nova geração de cristãos que está enterrando o antigo projeto de vida e garantindo a consolidação de uma nova comunidade Cf. RICHARD, P. *O Movimento de Jesus depois da Ressurreição* (p. 67). Embora o autor não tenha dúvidas sobre ser esse o significado da referência aos “jovens” no texto, nós preferimos apresentar essa sugestão interpretativa aqui, em discreta nota de rodapé, pois ela ainda nos parece muito especulativa e até alegórica. Entretanto, como não temos outra sugestão, deixamos a aceitação ou rejeição desta a critério do leitor.

A força do pecado atua especialmente no âmbito econômico-religioso, levando à morte. Quem impõe o regime de terror não é Pedro, mas sim o dinheiro, com suas opções religiosas. É o status econômico e religioso imposto pelo dinheiro o que mata Ananias. Repete-se aqui a história de Judas, em quem também ‘entrou Satanás’ (Lc 22,3) [...] Nota-se um estreito vínculo entre campo-dinheiro-Satanás-morte. Nem Jesus matou Judas, nem Pedro matou Ananias. Quem os matou foi o poder religioso do dinheiro (RICHARD, 1999, p. 66).

Embora tal sentença nos pareça cruel e de certa forma macule o nome de Deus, o que o autor fez não é tão incomum nas narrativas bíblicas. Deus leva a culpa pelas violências, e os personagens humanos são poupados.¹² No entanto, o foco desta narrativa não é o valor moral, mas sim a ameaça feita pelo autor para os cristãos primitivos que eram convidados a aderir ao movimento igualitário, libertando-se das falsas seguranças das riquezas humanas. Estamos falando de Lucas, o autor implícito que se revela por meio do texto, que constrói a história do cristianismo primitivo segundo sua própria teologia, e não da igreja de Jerusalém real que o tempo tratou de soterrar para sempre (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 23-26). Trata-se de uma narrativa ficcional que respondia a problemas de cristãos do final do primeiro século, e podemos supor que, na comunidade desse ator (os leitores implícitos conforme a definição de Marguerat e Bourquin) (2009, p. 26-28), eles não só procurassem viver a comunhão de bens, considerada uma opção mais segura do que ficar de fora com suas posses, como houvesse também o temor de que alguns dos adeptos procurassem tirar vantagens da distribuição igualitária no interior da comunidade. A memória ilustrada do Movimento de Jesus e da igreja primitiva nas primeiras décadas depois da morte de Cristo funde-se à mensagem lucana nesta perícopes, e este sim é um ponto relevante que atende aos nossos objetivos iniciais.

O medo que caiu sobre todos da comunidade de Jerusalém no final da cena é, na verdade, o objetivo deste texto. Na importante obra já

¹² Lembremo-nos, por exemplo, de 1Samuel 25, em que Davi, comandando um bando de ladrões, tenta apoderar-se dos bens de um homem chamado Nabal por meio de ameaças. Nabal recusa-se a colaborar com Davi e acaba morto, mas o texto, escrito num tempo em que Davi já era figura proeminente na história de Israel, não só abraça as palavras de Davi e seu grupo como também atribui a Deus a repentina morte de Nabal.

citada *A primeira história do Cristianismo*, Daniel Marguerat entende o objetivo pragmático do texto de maneira semelhante à nossa, e chega a classificar a perícopa dentro de um gênero literário que ele chama de “juízo de Deus”, onde apresenta-se a falta de algum culpado seguida de uma punição divina (MARGUERAT, 2003, p. 189). Temos, então, uma tentativa de regular a prática da caridade e da divisão de bens entre os cristãos da comunidade, que conta com uma ameaça religiosa para reforçar a exortação.

7 A vez de Safira (vv. 7-11)

A mesma estrutura literária usada até o versículo 6 se repete daqui por diante. Temos uma fala do narrador, uma intervenção em primeira pessoa do personagem (um diálogo entre Pedro e Safira) e, por fim, o narrador retorna com uma conclusão. Em termos literários gerais, temos uma repetição daquilo que já lemos. Nos perguntamos, neste caso, se era realmente necessário dividir a narrativa dessa maneira, fazendo Ananias e Safira morrerem separadamente. Não poderiam os dois personagens apresentarem-se e morrerem juntos, já que estavam em comum acordo? Para responder, outros exegetas levantaram muitas hipóteses, e nós teremos que observar algumas delas, ainda que nenhuma seja definitiva.

Primeiro, a impressão que tivemos ao ler o texto é de que tal repetição tinha apenas a função de dar ênfase no ensinamento;¹³ a repetição seria apenas a maneira lucana de “grifar” passagens que lhe parecem mais significativas. Contudo, lendo os trabalhos já produzidos sobre o texto, encontramos a hipótese de que este demonstra indiretamente que Safira não precisaria morrer junto com seu marido se fosse honesta; cada um deles teve a chance de viver, mas ambos preferiram a tentativa de enganar a comunidade de Jerusalém para obter vantagens. Essa é a proposta mais conservadora de Werner de Boor: “*A princípio, ela (Safira) é apenas cúmplice. Por isso Pedro, ao questioná-la, lhe dá a possibilidade do arrependimento. Por meio dessa pergunta ela poderá se liberar da mentira e dizer a verdade*” (2004, p. 91). Uma terceira

¹³ Um exemplo dessa estratégia do autor, que dá ênfase através de repetições, é a narrativa da visão de Pedro em Jope, em *Atos* 10 e 11. Além de descrever a visão de Pedro no capítulo 10º, o autor narra o episódio novamente no capítulo 11, quando Pedro conta a visão que teve em Jerusalém, onde ele poderia facilmente ter resumido o episódio.

proposta, feita por Pablo Richard, é a de que o autor tenha tentado diferenciar a morte de Safira, que não se atribui às escolhas econômicas como acontece com Ananias; a culpa de Safira estaria em sua submissão a um modelo matrimonial antiquado (RICHARD, 1999, p. 66-67). Neste caso, a mensagem por trás da narrativa da morte de Safira é a de que qualquer pessoa pode integrar-se à comunidade cristã, devendo colocar a obediência a Deus acima de todo vínculo social ou familiar.

Todas as propostas feitas acima precisam ser vistas com reservas, mas algumas são menos confiáveis que outras. Safira estava de acordo com seu marido segundo o v. 1, e o texto não dá qualquer indicação de que ela seguia Ananias apenas por obrigações matrimoniais, como propõe P. Richard. Ainda que o resultado dessa proposta seja interessante, não nos parece um caminho exegético seguro. Safira não foi retratada em nenhum momento como uma mulher “escrava” do casamento; a unicidade das opiniões do casal é descrita como um pressuposto natural, e a crítica à opção matrimonial de Richard parece-nos, por isso, uma leitura moderna e talvez inconscientemente influenciada pela opção religiosa do intérprete, que é sacerdote diocesano na Costa Rica. A opção que nos parece mais segura dentre as já expostas é a de que temos uma mera repetição com o propósito de dar ênfase à narrativa, estratégia literária estranha para nós, mas comum em toda a literatura bíblica.

Leiamos agora o texto obedecendo à divisão interna da narrativa que já identificamos, para notar que temos uma repetição e não uma nova história sendo contada. O v. 7 é a introdução narrativa, os v. 8 e 9 apresentam o diálogo, e os v. 10 e 11 trazem a conclusão, muito semelhante à já comentada dos v. 5-6:

(7)E houve um intervalo como de três horas, e a sua mulher não sabendo o que aconteceu, entrou.

(8)E respondeu a ela Pedro: ‘Diga-me se por tanto o campo vendestes’. E ela disse: ‘Sim, por tanto’. (9)E Pedro a ela: ‘Por que foi acertado entre vós provar o espírito do Senhor? Eis os pés dos que sepultaram seu marido na porta; também te levarão’.

(10)E caiu imediatamente junto aos pés dele e expirou. E entrando os jovens acharam morta, e levando sepultaram junto ao seu marido.

(11)E veio grande medo sobre toda a igreja e sobre todos os que ouviram essas coisas”

Alguns detalhes são omitidos nessa segunda parte do texto, como a influência de Satanás sobre o coração de Ananias, mas isso é algo que já poderíamos esperar de uma repetição. Relevante é que, lendo o texto, constatamos que essa segunda parte não apresenta nenhuma novidade em relação à primeira, e por isso julgamos que é nossa, dos leitores modernos, a ideia de que essa repetição precisa ter uma nova significação.

Antes de encerrarmos essa discussão, devemos mencionar rapidamente a astuta observação feita pelo já citado Daniel Marguerat. Ele viu uma relação entre *Atos* 5.1-11 e a narrativa da queda de Adão e Eva em Gênesis 3 (MARGUERAT, 2003, p. 194-195). Sem dúvida a adoção de um modelo narrativo de condenação divina, herdado do Antigo Testamento, solucionaria o problema da repetição da história com Safira, mas, mesmo tomando conhecimento da hipótese de Marguerat, há detalhes na defesa dessa relação entre Gênesis e *Atos* que ainda precisariam ser revistos. A tentativa de enganar a Deus, a influência de Satanás, a pergunta feita ao casal individualmente para destacar através das respostas a intenção de enganar e a sequência da narrativa que primeiro apresenta o diálogo do homem e depois o da mulher são pontos favoráveis à proposta de Marguerat, mas há também pontos desfavoráveis. Ananias e Safira não são membros da comunidade, estão apenas entrando, e ler a cena como um pecado original que acarretará em tristes consequências daí por diante parece um exagero. O pecado do casal de Gênesis também não possui qualquer conotação econômica, e aqui em *Atos* Satanás não é tão presente. Mesmo assim, esteja esta hipótese no caminho certo ou não, julgamos que as conclusões anteriores tiradas da mera repetição da narrativa ainda são seguras.

Conclusões e sugestões hermenêuticas

Feita a análise, podemos resumir aqui as nossas principais conclusões sobre a comunidade cristã primitiva de Lucas, lembrando uma vez mais que não podemos, com base no texto de *Atos*, achar que estamos estudando uma fonte direta sobre Jesus ou sobre a igreja primitiva de Jerusalém. Aqui veremos o que o texto, herdeiro de uma tradição judaico-cristã mais antiga, tem a dizer à comunidade lucana que viveu décadas depois da morte de Jesus:

1. O autor de *Atos* quer legitimar um projeto igualitário em sua comunidade através da descrição idealizada da história de Jesus

- e da Igreja primitiva; as descrições que faz daquelas gerações passadas não são históricas, mas servem como um exemplo a ser seguido, como uma motivação;
2. Não se pode garantir que os simpatizantes da comunidade de Lucas eram obrigados a abdicar de suas posses em favor dos outros, mas pode-se dizer que esse era o comportamento esperado. O autor aproveita a tradição dos profetas itinerantes para incentivar a vida de total comprometimento com o projeto cristão;
 3. O projeto de Lucas de construir uma comunidade igualitária provavelmente já estava em andamento, porém, ele funcionava com imperfeições. Além de ainda não contar com o apoio de todos, havia internamente o medo de que tal projeto favorecesse pessoas desonestas que queriam apenas participar dos benefícios da comunidade sem contribuir de maneira equivalente;
 4. A narrativa de Ananias e Safira procura resolver uma dessas imperfeições, usando a ameaça e o medo como limitadores de quaisquer tentativas de fraudes no interior do grupo;
 5. O autor tomou ainda o cuidado de não deixar margem para que seu texto fosse usado para legitimar atos violentos. A ameaça é a de que Deus, sabendo de todas as coisas, puniria severamente e pessoalmente todos os que tentassem fraudar o sistema igualitário da comunidade. Porém, como tais ações, quando provenientes da própria divindade, nunca eram interpretadas como violência ou crime, concluímos que a morte daqueles era um ato de justiça para aquela geração, e a culpa por tais mortes são das vítimas, que não confiaram em Deus, mas no dinheiro.

Para encerrar, podemos recordar a maneira como *Atos* 5.1-11 costuma ser lido pelas igrejas cristãs de hoje, arriscando alguns palpites hermenêuticos.

Como já não se leva a sério em nossos dias o projeto de se viver com comunhão plena de bens (ainda que esse seja um dos tópicos mais enfatizados em Lucas e *Atos dos Apóstolos*), a leitura cristã costuma apegar-se a pontos secundários do texto em busca de elementos doutrinários. Assim, falar sobre o pecado da mentira incentivando a transparência do cristão e, por que não dizer, a submissão às “autoridades eclesásticas”, são exemplos de como se pode utilizar indevidamente um texto bíblico. Todavia, pode-se dizer que tal leitura equivocada e para

benefício próprio não é erro tão sério quando levamos em conta que o autor de *Lucas/Atos* faz o mesmo com a tradição cristã mais primitiva. Mesmo assim, a metodologia exegética hoje disponível aumenta nossa responsabilidade. Temos recursos melhores do que os de Lucas para fazer uma apropriação mais honesta do texto.

Se queremos usar Ananias e Safira como exemplos para leitores de hoje, precisamos também considerar o ideal social que envolveu sua composição. A igreja ou o leitor que por qualquer razão quer atribuir a *Atos* o *status* de texto normativo, deve também comprometer-se com a eliminação das desigualdades. Depois, descobrimos que hoje erram como Ananias e Safira aqueles que agem de maneira egoísta e que de alguma maneira prejudicam as iniciativas sociais da igreja ou de qualquer outra instituição. A participação ativa nos projetos sociais continua sendo regra do cristianismo.

Por fim, quanto à punição aos não envolvidos, se é que deve existir alguma punição, que fique por conta de Deus. Nenhuma exclusão ou limitação deve ser imposta a quem quer que seja por conta de seus erros, contrariando W. de Boor, que, com base na morte de Ananias e Safira, encontra margem para condenar outros e chega a afirmar que *Deus extirpa o hipócrita da igreja* (2004, p. 91). Obviamente, nos casos de exclusão de hoje, os líderes eclesiais não são tão passivos como Pedro foi na morte do casal. A mensagem de *Atos* é inclusiva, a comunidade é aberta tanto a ricos quanto a pobres, e procura não somente providenciar salvação aos que creem, mas também igualdade social. Se o texto é cruel por condenar à morte Ananias e Safira que tentaram tirar proveito daquilo que aos necessitados estava destinado, que faria Deus hoje ao ver milhares de pessoas famintas sem que ninguém as atenda nas igrejas? Concentremo-nos na importância que a Bíblia dá à justiça, à igualdade, e deixemos um pouco de lado as caducas doutrinas que não proporcionam qualidade de vida para ninguém.

Referências

BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998.

BOOR, Werner de. *Atos dos Apóstolos: comentário esperança*. Curitiba: Esperança, 2002.

BROWN, Raymond E. *Introducción al Nuevo Testamento*. Madrid: Trotta, 2002. Vol. 1: Cuestiones preliminares, evangelios y obras conexas.

CROSSAN, John Dominic. *O nascimento do Cristianismo: O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2004.

KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2005. Vol. 2: História e literatura do cristianismo primitivo.

LIMA, Anderson de Oliveira. Roma e os camponeses da Galileia: Os motivos que proporcionaram o nascimento do movimento de Jesus de Nazaré. In: *Revista Jesus Histórico*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, 2010.

MALINA, Bruce J. *O evangelho social de Jesus: O reino de Deus em perspectiva mediterrânea*. São Paulo: Paulus, 2004.

MARGUERAT, Daniel. *A primeira história do Cristianismo: Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola/Paulus, 2003.

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas: Iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Loyola, 2009.

MOXNES, Halvor. *A economia do Reino: Conflito social e relações econômicas no Evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulus, 1995.

RICHARD, Pablo. *O movimento de Jesus depois da Ressurreição: Uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1999.

SELVATICI, Monica. *Judeus helenistas cristãos e judeus helenistas não cristãos: O problema étnico no livro de Atos dos Apóstolos*. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza; FUNARI, Pedro Paulo A.; COLLINS, John J. (Orgs.). *Identidades fluidas no judaísmo antigo e no cristianismo primitivo*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2010. p. 259-282.

STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do Protocristianismo: os primórdios do Judaísmo e as comunidades de Cristo no Mundo mediterrâneo*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998.

Recebido: 07/11/2011

Avaliado: 19/11/2011